

CARDOSO, António M. de Barros - *Ler na Livraria de Frei Francisco de São Luís Saraiva*. Edição Comemorativa do Sesquicentenário da Morte do Cardeal Saraiva. Ponte de Lima: Câ. Mun., 1995. 406 p.

O estudo de «livrarias» particulares tem sido linha de pesquisa recente, com alguns bons resultados entre nós. Trata-se de um capítulo de história cultural muito útil para conhecer e avaliar a transmissão de ideias e influências de pensamento. É tão mais difícil reconstituir bibliotecas particulares de figuras marcantes na política, na cultura, na religião. A dispersão destes acervos foi a regra mais geral e os poucos catálogos existentes são, por vezes, muito sumários, exigindo mil buscas para conseguir descobrir com a exactidão a referência completa. Estamos perante uma dissertação para provar a habilitação científica e pedagógica na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O autor do presente livro, estuda o *Index da Livraria* de D. Francisco de São Luís Saraiva (1766-1845), elaborado quanto o bispo de Coimbra, em 1823. É constituído por 2.045 títulos, 1212 do *Index das estantes*.

Na introdução descreve-se a fonte e expõe-se o método. O segundo capítulo traça o perfil biográfico do Cardeal Saraiva. As diferentes marcas do «monge culto» são analisadas no terceiro capítulo, a partir da leitura da sua biblioteca. Sobressai uma sólida cultura portuguesa, uma base assente sobre mestres greco-romanos e uma mente atenta a influências francesas, ainda frescas. No capítulo seguinte, mostra a evolução da censura do séc. XVI até oitocentos, para melhor analisar os livros de seus que Saraiva possuía, antes do Liberalismo. O quinto capítulo é dedicado à avaliação do acervo pela quantificação de vários dados, sobretudo, do peso temático. Nota-se para a Teologia 21 % dos livros.

O sexto capítulo consta de Conclusões possíveis, que apresentam Saraiva como um homem de cultura eclética, com biblioteca capaz de contribuir para a formação erudita de um agenda da Igreja e da sociedade. Tinha à mão a ferramenta do historiador, do filólogo, do jurisconsulto. O Espírito das luzes invadiu a mente do político e do religioso, permitindo fortalecer a sua postura activa.

Preciosos anexos completam a obra, tais como: lista de livros proibidos, portugueses e estrangeiros, catálogos da cultura portuguesa, locais de edição por séculos, livros de história portuguesa e estrangeiros, mapas e gráficos.

Finalmente, é feita a transcrição científica e integral do *Index* original e referida a bibliografia consultada.

Carlos A. Moreira Azevedo

RAMOS, A. Jesus - *O Bispo de Coimbra D. Manuel Bastos Pina*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995. 489 p.

Em boa hora a Gráfica de Coimbra editou a tese de doutoramento apresentada pelo Doutor António de Jesus Ramos na Universidade Gregoriana. Trata-se de um

trabalho excelente pela temática e pela investigação que condensa, um contributo precioso para o conhecimento da história da Igreja em Portugal nos finais do século XIX e começos do XX.

O Autor analisa a vida e o ministério do bispo Bastos Pina (1830-1913), em várias facetas que mutuamente se completam. Depois duma introdução geral e de um primeiro capítulo que situa a Igreja portuguesa no que denomina «as malhas do regalismo», acompanha o biografado nos seus primeiros tempos, «de Carregosa a Coimbra» (cap. 2); no processo atribulado da sua nomeação para bispo conimbricense (cap. 3); na aproximação às gentes da diocese, especialmente nas visitas pastorais em que punha muito empenho, reeditando a seu modo a gesta apostólica de D. Frei Bartolomeu dos Mártires (cap. 4); na sua acção em «defesa dos mais pobres», quer promovendo a saúde pública quer fundando «o primeiro bairro operário do país» (cap. 5); na relação com o clero, que fez dele um precursor dos actuais presbitérios diocesanos (cap. 6); no aperfeiçoamento da formação dos futuros padres (cap. 7); nos cuidados em salvar o que pôde das religiosas de clausura (cap. 8); na polémica com os lentes da Faculdade de Teologia, contrapondo uma visão mais eclesial da ciência sagrada aos resquícios de nacionalismo e regalismo eclesiológicos daqueles professores conimbricenses (cap. 9). Finalmente, um 10.º capítulo acompanha a vida do prelado até à sua morte, já em tempos republicanos; e uma conclusão geral retoma as grandes linhas do que antes se especificou.

Em todo o livro o estilo é desenvolto e a sequência clara. A divisão temática acima apontada vai-nos concentrando à vez em cada aspecto da acção de Bastos Pina, sem nos dispersar com referências paralelas. Os comentários do Autor nunca são excessivos e as fontes de primeira mão são bem citadas, com qualidade e quantidade oportunas.

Este trabalho de Jesus Ramos traz-nos antes de mais uma contribuição rara no respeitante às fontes. O que transcreve e resume dos arquivos romanos dá-nos uma perspectiva muito pouco usual na historiografia portuguesa sobre a vida eclesial do país. Tanto mais importante, quanto o biografado esteve por muito tempo no centro de alguns dos acontecimentos mais decisivos dessa mesma vida. Quem estudar a crença e o clero, a teologia e as ordens religiosas, ou, muito especialmente, as relações Igreja-Estado no Portugal de oitocentos e princípios de novecentos, deverá recorrer às abundantes informações e transcrições deste trabalho de Jesus Ramos.

Dá-nos o Autor uma imagem detalhada do estreito circunstancialismo em que a Igreja portuguesa — e não só em Coimbra — teve de viver durante o constitucionalismo monárquico. A situação político-eclesiástica somava ambigualmente o ideário liberal, mais orientado para a separação dos dois âmbitos, e a herança regalista de intervenção estatal na vida da Igreja. E, entre os liberais, que não viam razão teórica ou prática para mudar essa atitude, e os legitimistas, que defendiam o confronto entre a Igreja e o Estado constitucional, para que, derrubado este, a Igreja voltasse a gozar de todas as prerrogativas que um verdadeiro confessionalismo estatal lhe garantiria, eram poucos os mentores eclesiásticos com formação e lucidez para olharem mais além desta alternativa. Bastos Pina foi um deles e dos mais intervenientes, sempre que teve ou criou ocasião, na diocese ou na capital, na oratória ou na escrita. Soube como poucos concretizar entre nós as directivas de Leão XIII (papa de 1878 a 1903): aceitação por parte da Igreja dos governos constituídos, defesa da liberdade e competência eclesiais, colaboração com o Estado em tudo o que ser-

visse o povo, fundamentação teórica da natureza e fins da sociedade política, activação e organização dos crentes para o apostolado religioso e social.

A todos estes títulos é oportuna a evocação historiográfica do prelado conimbricense. Só há que pedir ao Autor que nos continue a facultar mais informações sobre esta e outras personagens e temáticas, das muitas que não terão cabido na redacção mas certamente guardou. Esta revista e outras publicações congêneres estarão disponíveis para tanto. E esperamos que a obra motive outros autores a darem-nos mais monografias no âmbito da história da nossa Igreja contemporânea, que, pelas fontes e respectivo tratamento, acompanhem a que recenseamos.

Manuel Clemente

LEAL, João - *As festas do Espírito Santo nos Açores: Um estudo de Antropologia Social*. Lisboa: D. Quixote, 1994.

Em Portugal é já de reconhecido mérito a obra de índole antropológica do autor, não só pelo estudo extenso que constitui este volume, onde o método comparativo é colocado à prova, mas também pela sua tese de doutoramento que o originou e pelos volumes que apresentou no âmbito da mitologia popular, dos contos tradicionais portugueses e da obra etnográfica de Adolfo Coelho, obras da mesma colecção — *Portugal de perto*.

A obra é um estudo de antropologia social onde o autor dá provas do seu perfil de investigador, ao manusear de forma muito ordenada os materiais recolhidos na ilha de Santa Maria em torno dos *Impérios*, «modalidade central de que se reveste o culto do Espírito Santo» na freguesia de S^a Bárbara (que constitui a I parte do estudo) e ao apresentar uma tentativa de síntese da diversidade e unidade das festas do Espírito Santo nos Açores (II parte), comparando rituais e cerimoniais de outras ilhas (S. Jorge e Pico particularmente). Tal tentativa é ainda mais vasta quando se estabelecem possíveis âmbitos de comparação, sobretudo na estruturação do calendário e nas representações temporais, entre as Romarias Quaresmais de S. Miguel e as festas do Espírito Santo na sua globalidade (III parte).

O estudo abrangente adquire ainda maior relevo quando se apresenta, no apêndice B, uma listagem minuciosa das festas do Espírito Santo no Continente e na ilha da Madeira, referindo as respectivas lacunas de documentação em relação ao Norte do país, mas constituindo assim um documento de base para futuros investigadores, como quadro de referência obrigatório quer bibliográfico quer hermenêutico.

No conjunto do estudo o autor consegue aliar de forma esmerada a apresentação quase fotográfica dos cerimoniais — *Impérios*, esmolos, jantares, sopa do Espírito Santo, coroações e romarias — que estruturam ou que contextualizam as festas do Espírito Santo, e a reflexão antropológica que faz emergir a identidade açoriana na sua ideossincrasia através de um quadro normativo e axiológico que impregna os rituais sociais festivos que são analisados. É certo que, de forma mais ou menos aparatosa e até elaborada cerimonialmente, os diferentes rituais não escapam a uma estrutura central que apresenta a sociedade implicando-se coesa e solidariamen-